



"Isto não é um cachimbo": designares para um desenho e um ensino do Desenho emancipador

Prof^a Dra. Flávia Pedrosa Vasconcelos (UNIVASF)

RESUMO

Este trabalho busca demonstrar e refletir sobre o Desenho e seu ensino desde compreensões de uma investigação Doutoral em Educação Artística na Universidade do Porto, Portugal, finalizada no ano de 2015. Além disso, discute sobre os métodos de pesquisa escolhidos em Arte/Educação Baseada nas Artes Visuais, de forma a contextualizar as plataformas metodológicas apropriadas para a problemática apresentada. No enfoque e na necessidade de interpretar o que vem a ser "saber desenhar" e "não saber desenhar", que trago algumas considerações a partir de narrativas visuais no diário de bordo da referida pesquisa, (re)olhando para suas questões próprias, questionando os discursos e as práticas disseminados em cursos de licenciatura na atualidade. Por fim, sugero uma maior atenção para o Desenho e seu ensino na formação de professores de Artes Visuais no Brasil e em Portugal.

Palavras-chave: Artes Visuais; Desenho; ensino do Desenho; Formação de Professores de Artes Visuais.

ABSTRACT

This work seeks to demonstrate and reflect on Drawing and its teaching since the comprehension of a Doctoral Research in Artistic Education at the University of Porto, Portugal, finalized in the year 2015. In addition, it discusses the research methods chosen in Art/Education Based on Visual Arts, in order to contextualize the appropriate methodological platforms for the presented problem. Focused and on the need to interpret what is to be "know how to draw" and "do not know how to draw", I bring some considerations from visual narratives in the logbook of that research, (re) looking at their own questions, questioning the discourses and practices disseminated in Visual Arts Teachers Education courses at the present time. By the end, I suggest a greater attention to the Drawing and its teaching in the Visual Arts Teachers Education in Brazil and Portugal.

Keywords: Visual Arts; Drawing; Drawing teaching; Visual Arts Teachers Education.

DOI: 10.5965/24471267522019083

<http://dx.doi.org/10.5965/24471267522019083>



Introdução

Na investigação que realizei em nível de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV da Universidade Federal da Paraíba - UFPB em associação com a Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, defendida em 2012 com o título: *Narrativas no ensino e artes visuais em Juazeiro/BA e Petrolina/PE*, trabalhei com visualidades no ensino de artes visuais por intermédio das lendas da região do Vale do São Francisco.

Inferi no referido estudo, as narrativas escritas ao se refletir sobre contextos educativos e com a presença e interpretação do investigador no texto e as visualidades como o entendimento da imagem não apenas como resultado de um processo ativo de ação e reação artística, mas um cruzamento da arte e da ciência, determinando espaços e proporções da representação.

O estudo das visualidades é recente e pode ser encontrado e descrito em estudos diversos de pesquisadores que desenvolvem indagações acerca das representações imagéticas em contextos contemporâneos e educativos, tais como Rose (2001), Mirzoeff (2003), Rampley (2007) e Martins e Tourinho (2011).

Quando menciono narrativas visuais, intento tratar de visualidades que suscitam, levantam questionamentos e provocam uma reação de pertencimento, de produção de significado a quem as cria e que pode produzir o mesmo no leitor. O olhar e o representar são constituídos num diálogo intertextual, em discursos explícitos e implícitos, visíveis na cultura de quem as produz e de quem as observa, sendo por isso, as narrativas visuais também reflexões visuais.

Pela sua codificação intersubjetiva e possibilidade de interpretação múltipla, defendo que as narrativas visuais revelam histórias que de outra forma não conseguiriam ser contadas. Aliadas às narrativas escritas são veículos de



complementação e fortalecedores de significados em uma escrita investigativa no território da Pesquisa Baseada em Arte/Educação.

Por conseguinte, nas pontes epistemológicas e investigativas que procurei traçar na investigação doutoral na UPORTO, defendida em 2015, combino entre narrativas visuais e escritas:

- 1) A narrativa autoetnográfica de acordo com o exposto em Ellis (2004), Denzin (2006) e Chang (2008) numa perspectiva de enxergar o auto (minhas considerações como investigadora e participante do estudo), o etno (as relações entre as culturas do desenho e as invenções dos discursos, ênfases e narrativas históricas) e gráfico (registro em narrativas visuais e escritas produzidas durante a investigação).
- 2) A a/r/tografia, metodologia de pesquisa divulgada pela pesquisadora canadense Rita Irwin (2004), é utilizada em duas vertentes. Na primeira, reúno as visões do professor (ensino), do artista (criação) e do pesquisador (busca) como fatores presentes e indicativos na formação inicial de professores de Artes Visuais. Na segunda, reúno a noção de professoralidade indicada em Pereira (2013) com as de *becoming* e *in-between* em Irwin e Springway (2008). A professoralidade é um conceito que remete e equivale epistemologicamente ao de *becoming*, pois ambos tratam do tornar-se, da construção profissional que é fruto das experiências com os conhecimentos. A noção de *in-between* eu traduzo nas pontes que as práticas artístico/educativas permitem relacionar na formação docente em Artes Visuais.

Sabendo que teoria e prática são processos indissociados quando se pensa a formação inicial de professores, levo em conta as práticas artístico/educativas como experiências que estão atentas à relação de interação, construção e diálogo que a criação artística desenvolve no ensino e no aprendizado em Artes.

As práticas artístico/educativas questionam e analisam as teorias nas práticas e unem a formação artística com a docente na formação de professores de Artes Visuais. Por isso, se consubstanciam em pontes conforme a pesquisa de Räsänen



(1997), pois o aprendizado é interpretado e construído desde a experiência artística, atravessando o ensino e, simultaneamente, no processo, o aprendizado reflexivo.

Por se importarem com o compartilhamento de saberes entre professor e estudante, as práticas artístico/educativas se aproximam da experiência (DEWEY, 2010) e da concepção de ensino artístico e cognitivo de Arnheim (1969), quando compara a percepção, a memória, o pensamento e aprendizagem. Por essa razão, elas tornam-se também experiências comunitárias do contexto educativo com outros contextos.

Tive, na investigação doutoral, como problema de pesquisa a pergunta: como se concebe e se pratica o desenho e sua planificação na formação de professores de Artes Visuais? Por intermédio dela, devo identificar a relação dos conceitos, dos centros de vibração e o reconhecimento dos discursos (DELEUZE e GUATTARI, 1994, p. 23) e das invenções discursivas na representação do *designare*.

Entendo o *designare*, apropriando-me do termo desde sua etimologia em Baldinucci (1681), do representar, descrever e delinear sinais e características e formas ao último e simbólico colóquio do desenho com a necessidade de representação concreta do ser humano. Dessa maneira, me refiro ao desenho como ponto inicial de partida, o meio (Lancri, 2002), além das barreiras e territórios delimitados de epistemologias, em uma mirada curiosa acerca dos conhecimentos.

Este ponto de partida se consolida também como um artifício que envolve e articula as imagens mentais, o objeto ou paisagem representada e a descrição o gesto materializante desse desejo no desígnio representativo. Destarte, o *designare* traduz a visão de que não é imprescindível que se apenas observe para se desenhar, pois a observação é percebida como uma técnica de treinamento das lentes e a configuração do olhar vai além do aspecto do treino, mas também é reflexão



crítica em que a produção simbólica é presente no próprio ato de registro.

Neste sentido, preocupa-me as planificações que podem estar indicadas no ensino do desenho na formação docente em Artes Visuais, tendo-se em vista a relação de saber e poder (FOUCAULT, 1979) que é enunciada nos dispositivos de controle e manipulação dos conceitos e das práticas em desenho.

Diante do exposto e do estudo doutoral realizado em Desenho e no seu ensino, faz necessário indicar que

“Podemos falar de uma inversão nos critérios de apreciação do desenho, valorizado pela espontaneidade e o carácter imediato de sua execução, pelas possibilidades de experimentação que proporciona, pela economia de meios, pelo carácter inacabado dos seus resultados, pela capacidade de dizer o essencial através do mínimo. Não há exemplo melhor do que o facto de o esboço mais rápido e sumário ser frequentemente exposto, publicado e comercializado, encarado que é como sinal exaltante do processo criativo.” (WANDSCHNEIDER et.al., 1999, p.17).

Nos últimos dez anos houve um crescente número de pesquisas em Desenho e seu ensino, encontradas seja na área de criação e processos artísticos, seja na área de Arte/Educação. Com base nos estudos e investigações que tratam de teorias e práticas do Desenho, interpreto que há muitos caminhos para se discutir o Desenho, talvez, pela sua natureza multi, inter e transdisciplinar (MIT) seja complexo conceituá-lo.

Como campo de conhecimento e disciplina, ele é evidenciado nas Artes Visuais em seu papel de base do pensamento e do processo criador. Não se limita ao espaço da linguagem, se utiliza dela, por meio da construção e apropriação contínua e progressiva do vocabulário gráfico no aprendizado, constituído nas instituições educacionais por meio de competências e habilidades específicas.

O Desenho está imbricado diretamente em questões que envolvem a necessidade de representação e é percebido desde sua abstração, por meio das imagens mentais e do vocabulário gráfico que os indivíduos vão adquirindo à medida que observam



e que guardam na memória referências visuais, ao gesto que concretiza na superfície este desejo.

A capacidade criadora em Desenho é interpretada no processo em que se experiencia o Desenho, podendo-se dizer que desenhar se aprende desenhando, entre erros e acertos, na construção de pontes que estabelecem percepções e ampliam polissemicamente o repertório imagético, crítico e reflexivo dos indivíduos.

Repensando este espaço essencial do Desenho e a noção do "eu não sei desenhar", investiguei no Doutorado em Educação Artística da Universidade do Porto - UPORTO, em Portugal, o Desenho e seu ensino na formação de professores de Artes Visuais no Brasil e em Portugal, focando nas ênfases dos discursos presentes nas práticas docentes da década de 1990 aos dias atuais.

A partir dessa investigação e das inquietações que a temática me trazia, observei que ao mesmo tempo em que realizava pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, voltei a desenhar, entre as aulas de Desenho I e II observadas na Licenciatura em Artes Plásticas (este curso tem função de um bacharelado no modelo brasileiro) da UPORTO e os momentos em que vagueava pela cidade do Porto, aperfeiçoando minhas lentes e revisitando minhas noções.

O texto que aqui é transcrito advém destas imagens criadas desde imagens mentais, imagens essas que considero narrativas visuais, tal qual a narrativa visual existente na obra *Isto não é um cachimbo* de Magritte e nas compreensões da mesma expressas por Foucault (1988) a este respeito.

Concordando com o autor, não entendo que uma imagem tem leitura simples e nem que o que ela diz é apenas óbvio, pelo contrário, uma imagem não apenas suscita o processo representativo, ela muitas vezes o questiona. A obra de Magritte age assim em dois aspectos cognitivos: questiona os limites da imagem, dos códigos de representação e os limites



de sua classificação expressiva.

Por essa razão, as narrativas visuais nos diários de bordo representam uma parte de minhas interações e representações com o problema da pesquisa. Uso de narrativas escritas e visuais em duas plataformas metodológicas. O primeiro é um relato autoetnográfico (Chang, 2008), no qual o pesquisador é envolvido na análise e reflexão entre contextos da pesquisa, revendo seu espaço de atuação. O segundo tem caráter a/r/tográfico (Irwin, 2004), em que se considera os territórios do ensinar, produzir e investigar como dialógicos em experiências significativas no constituir-se da profissão.

Pode-se dizer que ambas as plataformas estão ancoradas numa releitura de Viadel (2005) e ressignificadas em uma Pesquisa em Arte/Educação baseada nas Artes Visuais, na qual se repensa o exercício da docência por meio de processos que são ao mesmo tempo artísticos e educativos, ou seja, processos artístico/educativos.

Intento com as narrativas escritas e visuais demonstradas a seguir, revisitar um espaço que não é visível na tese, que está no meio e que deste meio reconhece formas e linhas na superfície em uma redescoberta do sentido de desenhar e das apropriações profissionais do professor/artista/pesquisador, articulando interpretações a respeito do ensino, da criação e da investigação e se aproximando do debate expresso sobre construção constante da professoralidade de Pereira (2013).

1 Considerações sobre a Pesquisa em Arte/Educação baseada nas Artes Visuais, o Desenho e seu ensino

Como discutir o Desenho na formação de professores de Artes Visuais? O problema tem como ponto de partida a reflexão acerca da noção de que "eu não sei desenhar", encontrada também em muitos dos estudantes que supervisionei como docente efetiva da disciplina Práticas de Ensino em Artes



Visuais II (Estágio Supervisionado nos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos - EJA) na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF.

Na Pesquisa em Arte/Educação baseada nas Artes Visuais, a investigação trabalha com a produção artística na perspectiva de colaboração com a experiência de interpretação dos contextos do ensino e da atuação profissional, trazendo possibilidades de se pensar as diferentes estratégias, discursos e práticas do ensino e do aprendizado das Artes.

No meu caso, aproprio-me desta linha para repensar os meandros da formação de professores de Artes Visuais, tendo como ponto de partida narrativas de memória que buscam sintetizar minhas questões com a noção de que "eu não sei desenhar". Pelas razões enunciadas, esta narrativa é autoetnográfica, pois traz o auto (eu) com o etno (culturas e contextos do Desenho) e o gráfico (impressão, registro escrito e visual) e a/r/tográfica, colaborando com uma conexão mais intrínseca entre meu locus de ação e atuação e os saberes que mantenho contato no processo investigativo.

Sobre o "eu não sei desenhar", ele advém de um encontro com os discursos do que é visto e concebido como Desenho na necessidade de articular algumas ênfases ressaltadas ao longo da História da Arte e do ensino de Desenho que estão presentes ainda no cotidiano quando se verificam a aplicação delas na prática docente e artística.

Ressalto que a escolarização (Illich, 1985) como processo de formação do indivíduo em determinadas regras e saberes adquiridos deixa uma espécie de "brecha", onde podem ser apreendidos outras formas de olhar e conhecer. Nas "brechas", são permitidas quebras e rupturas do sistema, nelas e em suas contradições, os indivíduos podem alcançar outras plataformas de criação nas Artes.

A dinamização do aprendizado do Desenho em meu caso



esteve fortemente ligada à noção de que para se considerar um trabalho como Desenho, ele era idealizado, tendo que estar o mais próximo possível da realidade e de sua representação. Assim, as “brechas” permitiram que encontrasse com imagens mentais e compreensões poéticas dos territórios e das vivências atravessadas.

Esta noção advém do modelo neoclássico e tecnicista, importado e implantado como discurso predominante na formação docente em Artes Visuais pelos artistas franceses que fundaram em finais de século XIX a Academia Imperial de Belas Artes. O Desenho e seu ensino no Brasil perpassam por esta influência nas décadas seguintes, chegando ao século XXI.

Não se pode confundir o uso e o aprimoramento das técnicas em Desenho com visão neoclássica num viés tecnicista. É necessário treinar o olhar, para isso, as técnicas são o instrumento, mas domar o olhar para apenas um ponto de vista sobre como se constrói o Desenho, aí é outra história. Ao restringir uma ênfase do discurso sobre o ensino do Desenho em detrimento de outras, se deteriora seu ensino/aprendizado.

Com essas referências e com as experiências desenvolvidas na investigação doutoral, entendo o Desenho como conhecimento, processo, discurso e produção do pensamento e da representação da imagem e o utilizo no confronto com as imagens mentais e a realidade na qual estou inserida e imersa, nas pontes que traço entre Brasil e Portugal.

2 Caminhos entrecruzados entre linhas e cores

Dos diários de bordo que produzi como parte dos dados coletados e experienciados, de 2012 a 2015, escolhi apresentar aqui uma série de Desenhos expressivos, os quais considero como narrativas visuais, recontando aspectos da pesquisa que de outra forma não poderiam ser contados e que dão abertura à polissemia, representando algo além da superfície escrita

(Foucault, 2009). Ao fazer isso, aproximo texto e imagem em construção de sentidos, descrevendo e ressimbolizando sensações e imagens mentais em momentos de inquietação e descobertas.



Imagem 1. Desenho de observação a partir de fotografia e de observação presente (Fevereiro de 2014). Rascunhos de interpretações. (Acervo pessoal).

Das primeiras imagens que transpus ao diário de bordo, a Imagem 1 me chama atenção por apresentar três fatores que estão conectados à minha noção sobre o “eu não sei desenhar”: 1. necessidade de transposição exata do que é observado, de modo a atingir uma visão idealizada, 2. desenhar com o aparato da borracha, a corrigir qualquer erro que possa minimamente “destruir” o trabalho e 3. receio no uso das linhas.

Além disso, acrescento que a medida das perspectivas e a formatação do que foi representado não está logicamente bem disposta. Destarte, não muni minha observação presente de

instrumentos de medição, conforme é estipulado na UPORTO aos estudantes de Desenho. Por consequência, considero esta narrativa visual a apresentação de Desenhos esboçados, que naquele momento serviam para apurar rapidamente o que era visto e, ao mesmo tempo, tentar pegar outras formas de ver alguns detalhes.

Escolho a Imagem.2, porque ela marca um momento em que comecei a utilizar imagens mentais e me senti desafiada a usar as linhas deixando as formas assumirem a superfície do papel. Destaco as linhas utilizadas sem receios, forma que vai se tornando figuração e entre palavras, um ser adentra uma forma orgânica e ao sair dela não só ele muda, mas a própria forma adquire outras colorações. As formas restantes correspondem a grafismos que complementam o espaço desenhado.



Imagem 2. Aquarela do Diário de Bordo que participou dos (Con)Tributos da Liberdade a Joan Miró, Porto, Portugal, 2014. Designações a Miró ou porque eu preciso desenhar. (Acervo pessoal).

Na Imagem 3, urgia o entendimento dos conceitos de lentes e vistas. As lentes não como os olhos, mas como o olhar que vai sendo organizado, treinado, polido por meio do aprendizado e da constante observação, que procura enxergar mais e além. As vistas são as possibilidades de enquadramento das lentes, percebidas quando se escolhe como e o que se vai representar, dos espaços, objetos e paisagens às sensações, tensões e questionamentos.

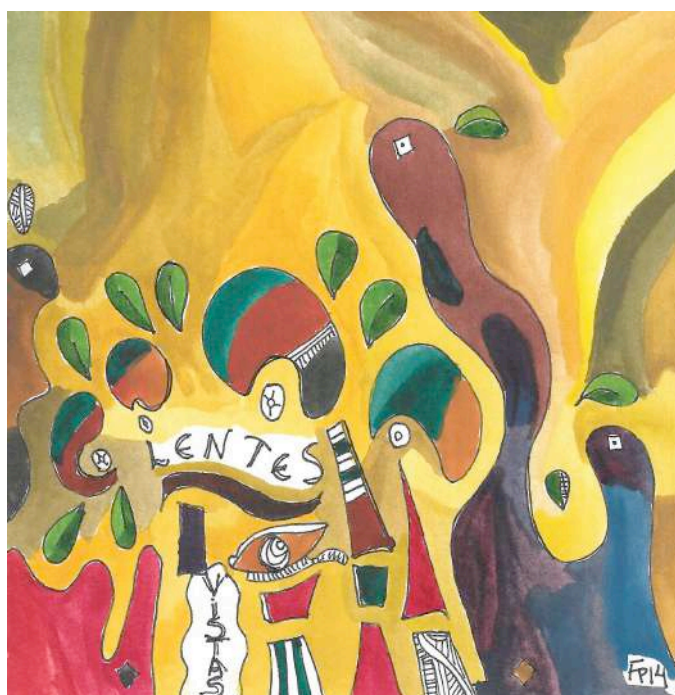


Imagem 3. Aquarela desenvolvida durante a observação de aulas de Desenho I na Licenciatura em Artes Plásticas da UPORTO. Lentes e vistas. 2014.

(Acervo pessoal).

Analisando a evolução das narrativas visuais expostas, considero que revejo conceitos e práticas num olhar focado na compreensão do Desenho e das tensões que me provoca esta noção de que “eu não sei desenhar”. São Desenhos (?), não sei, assim os chamo. A autoridade e a legitimidade destas imagens como narrativas visuais é transposta no momento que afirmo o que são e no momento em que as exponho em diferentes espaços e as



rediscuto, perguntando até que ponto o Desenho assume uma forma ou uma fôrma na prática artística.

Caso houvesse ateadado fogo a algumas páginas do meu diário de bordo e isto produzisse formas semelhantes a linhas, ou, se tivesse feito diversas linhas em formatos, espessuras e sensualidades diversificadas, isto também não seria Desenho? Quais os limites e quem (indivíduo ou instituição) os determina? Como então trazer à luz esta discussão do Desenho enquanto prática artística em sua amplitude na formação dos professores de Artes Visuais?

Este texto é uma busca de intentos. De um desejo que não quer morrer nem matar a necessidade de produção e de representação, que ela renasça naqueles professores universitários que como eu, atuam em disciplinas essencialmente teóricas, mas que tem formação artística e deixam-na de lado, seja pela burocracia ou pelas demandas acadêmicas, seja por que esqueceram de que ser professor e ser pesquisador é um contínuo ato de criação e recriação de ideias, pensamentos e por que não, Desenhos?

3 Por uma formação de professores de Artes Visuais além do "eu não sei desenhar"

"[...] não há forma para a alienação e a exaustão que a falta de controle sobre o próprio trabalho.". (Apple, 1997, p. 181).

" A necessidade de repensar, agora, a formação para o magistério, levando em conta os saberes dos professores e as realidades específicas de seu trabalho cotidiano. [...] uma nova articulação e um novo equilíbrio entre os conhecimentos produzidos pelas universidades a respeito do ensino e os saberes desenvolvidos pelos professores em suas práticas cotidianas.". (Tardif, 2010, p. 22-23).

"Sem desenho não há mapa. Há que se ter a imensidão do espaço. Há que se ter a leveza do traço. Há que se ter o peso do interior e o limite do exterior. Há que se saber das flechas lançadas e recebidas. Das linhas traçadas e apagadas. Há que se saber o desenho para delinear o mapa.". (Pimentel, 1999, p. 35).

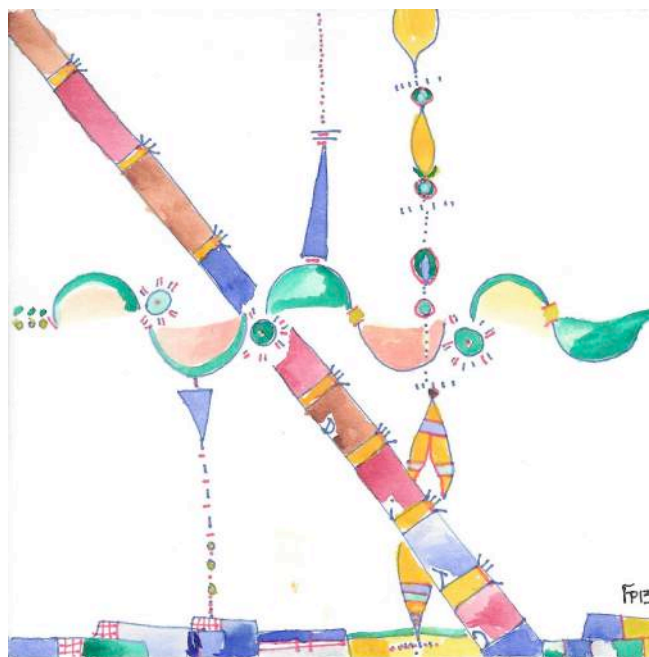


Imagem. 4 Desenho realizado a partir de imagens mentais. (Dezembro de 2013).
(Acervo pessoal).

Por que é complexo o trabalho com narrativas visuais numa investigação em Arte/Educação? Em primeiro lugar, o discurso científico, apesar das inúmeras transformações e inovações no século XX e nos últimos anos do século XXI, ainda assume prioritariamente a escrita discursiva e a razão instrumental como veracidade.

Mesmo uma pesquisa que se constrói na área de Artes Visuais, pode passar por uma série de limitações devido às delimitações e subdivisões de saber, a depender de sua temática, como se a teoria não estivesse conectada à prática artística e como se a educação em Artes nada tivesse a ver com a criação ou a estética do pensar artístico. O conhecimento não sendo compreendido como construção e experimentação da experiência do *becoming*, é manipulado e planejado em saberes disciplinares no currículo da formação inicial de professores.

A experiência investigativa suscita trajetórias que vão sendo descobertas na medida em que se aprofunda no estudo. Se a Pesquisa Baseada em Arte/Educação trata de espaços do



ensinar e do aprender Artes, há que se considerar o artístico também como espaço de conhecer Artes, que dialoga direta e indiretamente tanto com o ensino quanto com o aprendizado. A despeito disso, concordo com Dewey (1980, p. 89):

“Com freqüência, entretanto, a experiência que se tem é incompleta. [...] Em contraste com tal experiência, temos uma experiência quando o material experienciado segue seu curso até sua realização. Então, e só então, ela é integrada e delimitada, dentro da corrente geral da experiência, de outras experiências.”.

Indo contra uma atitude profissional que planifica e delimita o desenho e o ensino do desenho, tal qual Apple (2010), desejo o controle do meu trabalho na investigação doutoral, tomo os desenhos como narrativas visuais e uno-a as narrativas escritas, complementando-se seus processos de significação na tese. Também desejo o equilíbrio que Tardif (2010) sugere, na revisão dos conceitos, de minhas experiências, das questões e interpretações que vão aparecendo no caminho.



Imagem 5. Desenho. (Julho de 2014). (Acervo pessoal).

Diante das análises no doutoramento e das vivências em minha formação artística e docente e da tese em andamento, considero neste texto o desenho como narrativa visual numa Pesquisa Baseada em Arte/Educação e exponho uma função que partilha a representação e traceja pontes entre teorias e práticas.

No que tange o "eu não sei desenhar", ele pode ser encontrado também como afirmação com tom de insegurança e incompetência de professores e estudantes, percebido nos confrontos, desafios e entendimentos de Martins (1992), os quais colaboram para uma conexão intrínseca para se situar este problema em contextos de ensino e aprendizagem na formação de professores de Artes Visuais.

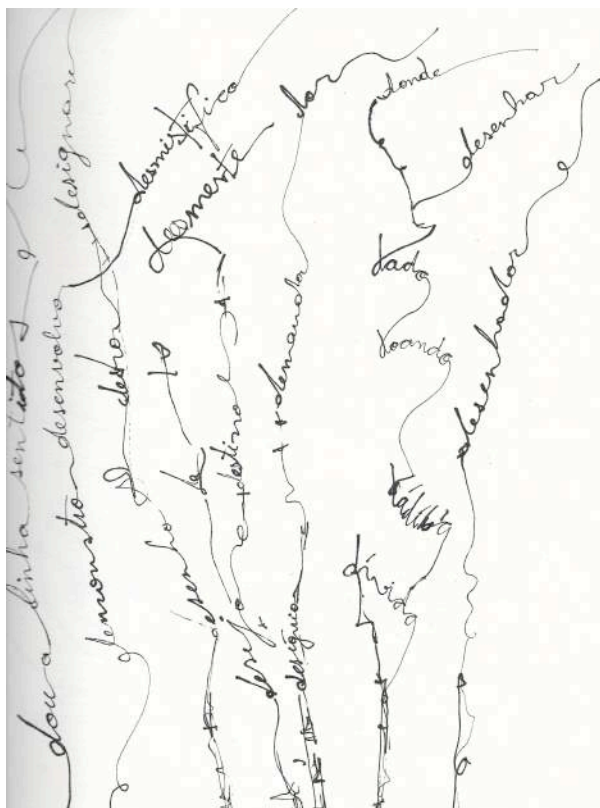


Imagem 6. Palavras desenhadas. (Agosto de 2014). (Acervo pessoal).

Entendendo os espaços de estruturação da formação do professor/artista/pesquisador e da visibilidade de práticas artístico/educativas em Artes Visuais, ou seja, de processos criativos ao lado de processos didáticos na Licenciatura em



Artes Visuais e de sua emergência nas políticas educativas e nos currículos de Brasil e Portugal, evidencio o espaço do Desenho.

Neste processo, reafirmo sua função como conhecimento e cognição que não é visível somente nas Artes Visuais, demonstrando as questões apresentadas e as narrativas visuais do meu diário de bordo da investigação doutoral com o intento de promover olhares significativos, contextualizadores e emancipatórios, dando abertura a um movimento que traga o acesso à redescoberta das linhas na apropriação nas experiências de criação, pesquisa e docência.

Referências

- ARNHEIM, R. *Visual thinking*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- APPLE, M. W. *Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BALDINUCCI, F. *Vocabulário Toscano dell'Arte del Disegno*. Accademici della Crusca. Florença, Itália, 1681.
- CHANG, Heewon. *Autoethnography as Method*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2008.
- DENZIN, N. K. *Interpretative Autoethnography. Qualitative Research Method*. Volume 17. 2nd edition. Los Angeles: Sage. 2014.
- DELEUZE, G; GUATTARI. F. *What is philosophy?* New York: Columbia University Press, 1994.
- DEWEY, JOHN. *A Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELLIS. C. *The Ethnographic I: The methodological novel about autoethnography*. New York: Altamira Press, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, 2009.
- ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985
- IRWIN, Rita L. *A/r/tography: a metonymic métissage*. In IRWIN, R. L.; COSSON, Alex de. (eds.). *A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry*. Vancouver, Canada: Pacific Educational Press, 2004. 27-38.
- _____; SPRINGWAY, S. *A/r/tography as practice-based research*. In Cahnmann-Taylor, M.; Seigsmund, R. (Eds). *Arts-Based Research in Education*. Foundations for Practice. New York: Routledge, 2008. p.103-124.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. *Não sei desenhar - implicações no Desvelar/Ampliar do Desenho na Adolescência*. (Tese de Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.



LANCRI, J. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. En B. Brites y E. Tessler (orgs.). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 15-33.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011.

MIRZOEFF, N. *Una introducion a la cultura visual*. Barcelona: Ed. Paidós, 2003.

PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013.

PEREIRA, M. V. *Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013.

PIMENTEL, L. G. *Limites em expansão: licenciatura em artes visuais*. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

RAMPLEY, M. (Ed.). *Visual Culture: definitions, concepts contexts*. Spain: Filmsetting Ltda., 2007.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes,

2010.

VIADDEL, Ricardo Marín. 'La Investigación Educativa Basada en las Artes Visuales' o 'ArteInvestigación Educativa'. In VIADDEL, Ricardo Marín. (ed.). *Investigación en Educación Artística: temas, métodos y técnicas de indagación sobre el aprendizaje de las artes y culturas visuales*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2005. 223-274.

WANDSCHNEIDER, Miguel. et. al. (org.). *A indisciplina do desenho*. Exposição do Instituto de Arte Contemporânea. Portugal, 1999.

Endereço eletrônico do lattes: <http://lattes.cnpq.br/7285933895645743>

Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto - Portugal, bolsista CAPES Doutorado Pleno no Exterior. Diplomação reconhecida no Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás - UFG. Mestra em Artes Visuais - UFPB/UFPE, linha: Ensino das Artes Visuais no Brasil, com pós Lato sensu em Arte-Educação e Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA, graduada em Artes Plásticas com habilitação para o ensino de Arte pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Docente do Colegiado de Artes Visuais da UNIVASF.

Recebido em 07 de julho. de 2019.

Aprovado em 20 de agosto de 2019.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9853-5588>